

Discurso do Dr. José Aparecido da Silva, por ocasião de sua última presidência da reunião da Congregação da FFCLRP-USP, em 08 de junho de 2000, às 14h.

"Acerca do imobilismo administrativo e porque não está na hora de mudar a filosofia"

**José Aparecido da Silva
08/6/2000**

Prezados membros do colegiado e convidados,

É triste a realidade que ora estamos vivenciando. É triste e lamentável experienciar a realidade de que as nossas três grandes universidades públicas estão falecendo, lenta e progressivamente.

A rigor, as Universidades já nasceram em períodos de crise. Em outras palavras, as Universidades tiveram sua origem em momentos críticos e muitas vezes refletiam as crises internas e externas de nossa sociedade, de nossa cultura, de nossos valores e de nossos costumes. Feliz a sociedade que tem Universidades em permanentes crises de cunho puramente filosófico, acadêmico e científico. Com as crises aprendemos, amadurecemos, diferenciamos e progredimos. Nestas crises a truculência ideológica não prospera e nem pode ser regada pela nossa omissão.

Na história da humanidade constata-se que a origem da Universidade, em sua constituição é de natureza confessional, voltada a atender às necessidades do feudalismo, ajustando-se mais tarde, já a partir do Renascimento, aos anseios da Monarquia, guiada pela pesquisa empírica.

A Universidade surge numa época de transição em que a Europa dos dogmas e do feudalismo caminhava para o Renascimento do conhecimento e a racionalidade científica. Durante todo esse período, eram grandes os debates concentrados nos choques entre dogmas e heresias da Igreja. A preocupação maior estava em interpretar e esclarecer por luminares e pela revelação divina em vez de avançar no conhecimento científico.

Todos conhecem que após quatro sessões de interrogatório que duraram três meses, Galileu foi considerado "veemente suspeito de heresia" pelo Tribunal do Santo Ofício. Triste, Galileu Galilei renegou sua certeza profunda de que a Terra não estava imóvel, no centro do mundo, no dia 22 de junho de 1633, utilizando as palavras "Abjuro, maldigo e detesto os citados erros e heresias".

A propósito, qualquer semelhança com alguns Galileus, médicos, de nossa época é apenas mera coincidência.

Na origem da Universidade está a marca da transição de uma etapa da humanidade para outra, bem como o sentido de se buscar a liberdade do pensar e do agir, criando-se a partir daí um novo paradigma com base nos grandes avanços do conhecimento. Estes foram conseqüências das mudanças do modo de produção capitalista, em que a burguesia passa a usufruir, como patrão, da força de trabalho de camponeses e artesãos.

Nesse sentido alteram-se as solicitações da instituição universitária, agora inserida em um conceito moderno de nação associado ao poder e à riqueza. Exige-se da Universidade o acompanhamento das exigências advindas do liberalismo e da industrialização. Exemplo disso é o fechamento, depois da revolução de 1792, da Sorbonne, em Paris, em razão de sua incapacidade em responder a tais exigências.

Hoje, sabe-se que as nossas universidades se defrontaram com crises caracterizadas, como conjuntural política, estrutural, intelectual, ideológica e, principalmente, de confiança.

É conjuntural pois deriva em grande parte de conflito e impacto das forças transformadoras da sociedade que transitam de uma civilização científica e tecnológica. A crise é política, no sentido de que as universidades se vêem condicionadas a duas

expectativas antagônicas e muitas vezes radicais: as de vanguarda ou conservadoras ou até revolucionárias.

É também estrutural porque os problemas que as afetam e que as universidades apresentam não podem ser resolvidos dentro de seu âmbito ou quadro institucional, mas exigem reformas profundas que as capacitem a atender a toda demanda das aspirações educacionais da população.

Os conteúdos intelectuais e ideológicos da crise universitária são representados pelo desafio de conhecer melhor a própria universidade, a fim de contribuir para que a instituição se constitua em motor de mudança ou de defesa da ordem já estabelecida na sociedade global.

A propósito, devemos ressaltar que o atual processo acelerado de globalização mundial condiciona a uma série de enfrentamentos para a universidade brasileira. Esta necessita se preparar para ingressar na realidade mundial através das poderosas redes de informatização (tecnologias de informação). Os conceitos precisam ser revistos e redimensionados em vista das rápidas transformações da realidade social e dos mercados de trabalho. A informática, por exemplo, pode significar avanço tecnológico de grande valor para se garantir um processo de desenvolvimento da universidade, mas pode, também, servir de meio de ampliação das condições de controle sobre seus componentes. Exemplos disso são a panfletagem eletrônica e o terrorismo eletrônico tão freqüentemente utilizados nos dias de hoje. Mas uma coisa é certa, neste domínio não podemos ser conservadores.

Finalmente, a crise de confiança talvez seja a maior das crises que ora estamos vivenciando. Por ser de natureza psicológica, contra ela não temos defesa e parece que qualquer argumento (por mais racional e lógico que este pareça) não encontra eco em nossa comunidade. Uma mudança de atitude e por consequência de comportamento é quase que impossível quando se misturam truculência ideológica com objetivos sociais e acadêmicos.

Um dos maiores desafios que as universidades públicas têm de enfrentar é a avaliação de seu papel na formação do nível de qualidade do processo ensino-aprendizagem e de seus custos. Um processo sério de avaliação significa desvelar por inteiro, intra e extramuros, suas corporações, seus atravancamentos, os embates e os interesses políticos e corporativos.

A propósito, devemos ressaltar aqui a luta da Universidade para manter-se viva ao longo de quase dez séculos, respondendo aos desafios de cada época, preservando e atualizando valores e, também, criando novas formas de conhecimento, cultivando dúvidas e principalmente os ataques que a universidade pública vem sofrendo nos últimos tempos, sendo apresentada como ineficiente, conservadora, corporativista e alheia aos reais problemas e necessidades do país. Parece haver um movimento orquestrado contra a Universidade pública originado tanto dentro, quanto fora dela. Os piores inimigos da Universidade pública não são, a meu ver, aqueles que convivem externamente a ela. Contra estes temos nossas defesas compostas por sólidos argumentos acadêmicos e indicadores de produtividade crescentes. Os piores, são aqueles que convivem dentro dela, dela fazem parte e nela parasitam. Estes são de dois tipos: aqueles caracterizados pela pequenez e indisciplina intelectual e aqueles personificados pela ilusão de sabedoria, que atacam na surdina e de forma maquiavélica a grandeza purista e elegante de nossas universidades públicas e destroem sua autonomia e ameaçam seu futuro.

Caros colegas, não há consenso entre os universitários e os seus dirigentes sobre os rumos que a universidade segue, hoje no Brasil. Mas uma coisa é certa e categórica: continuar a encobrir as dificuldades e os problemas que apontamos significa fortalecer a mediocridade e o perigo da falência generalizada do processo educacional do país. Isto com certeza nós não queremos e, portanto, não devemos nos omitir.

No meu entender o principal vetor da administração pública e, talvez, o seu segredo, está na continuidade. Na administração pública os recursos são escassos e, na maioria das vezes, parcelados. Mas, o dinamismo, o vigor e a prioridade na alocação dos recursos devem ser similares e, se possível, melhores que na administração privada. Onde tudo é prioritário, nada torna-se prioridade.

Dando continuidade aos trabalhos daqueles que me antecederam, tentamos implementar os planos, as idéias, os ideais e algumas vezes os "sonhos" de projetos dos Professores Zucchi, André e Lionel, sempre alicerçados nos princípios acadêmicos/científicos deixados pelo nosso fundador, Dr. Lucien Lison, este sim, um médico e líder integracionista e com sábia visão do futuro e não como alguém, também médico, que cultiva a cisão como princípio primeiro.

Durante estes quatro anos, a Faculdade de Filosofia foi fórum de grandes debates acadêmicos/científicos. Foram debatidos : "O Perfil da Ciência no Brasil", "A Pós-Graduação no *Campus* da USP-RP no contexto da Pós-Graduação no Brasil", "A Interação entre Pós-Graduação e Pesquisa", "O Futuro da Ciência e Tecnologia no Brasil", "A Reforma da Previdência e suas Implicações para as Universidades Públicas Paulistas", "O Futuro da Universidade Pública" e outros temas ligados à nossa vida acadêmica. Grandes personalidades de nossa academia estiveram presentes, incluindo o Magnífico Reitor, ex-reitores e vice-presidentes do CNPq e outros grandes cientistas. Na parte cultural, artística e humanística a Faculdade de Filosofia se fez presente, organizando e apoiando o Programa Cultural Prometheus 2000.

Como sempre, a presença de nossa comunidade foi expressiva, mas mais expressiva ainda foi a ausência daqueles que afirmam que há um quadro de imobilismo administrativo nessa Unidade que é hoje a mais produtiva do *Campus*, em todos os indicadores nacionais e internacionais, e está entre as dez mais produtivas da USP.

Ainda no plano acadêmico-científico, foi aprovado junto ao Conselho Universitário da USP, a Habilitação Tecnológica, na Química e o curso de Física Médica, inédito no país e, talvez, se constituirá no único curso criado no *Campus* fruto do interesse da academia e, certamente, um dos poucos na USP que ora se encontra com recursos limitados para novos claros docentes. Serão apenas mais 50 claros para o próximo biênio. Incentivamos a organização de simpósios e encontros científicos, promovidos por docentes e/ou alunos de nossos cursos. Jamais faltaram recursos para atendê-los. Feiras e exposições foram inúmeras, devemos destacar aquela realizada gratuitamente no *shopping Ribeirão Preto* em comemoração aos 35 anos da Faculdade. A FEPUSP-Interior foi uma idéia oriunda desta "imóvel" administração e que agora está aos cuidados da nossa Comissão de Cultura e Extensão Universitária, para ser realizada em agosto deste ano..

Os indicadores de nossa pós-graduação são impressionantes. O número de dissertações e teses cresceu assustadoramente, bem como o número de alunos matriculados.

No plano físico, suas dimensões se ampliaram de tal modo que é impossível não ver um bloco da Filosofia espalhado em qualquer parte deste *Campus*. Nos últimos dez anos, crescemos aproximadamente dez mil metros quadrados , e nos últimos quatro anos, quase dois mil e quinhentos metros quadrados. Em adição, foram asfaltados os diversos estacionamentos, reformados e acobertados velhos blocos, modernizada a rede elétrica, climatizados os anfiteatros e substituída toda a nossa frota de veículos. Além disso houve a contratação de especialistas em computação, um analista e um técnico em computação.

O nosso número de docentes que era de cento e dez, em 1996, permanece hoje com cento e doze, apesar de ter ocorrido neste período, dez aposentadorias, as quais continuam onerando a folha de pagamento. O número de funcionários permaneceu praticamente estável, de cento e sessenta e um, em 1996 e cento e sessenta e quatro, em 2000, mas ocorreram dezessete aposentadorias e os serviços de limpeza e vigilância continuaram ainda terceirizados, como ocorreram na gestão passada.

Toda infra-estrutura de informática foi modernizada. A nossa CAI (Comissão de Assessoramento em Informática), sob a competente e dinâmica presidência do Dr. McNamara, angariou nestes quatro anos, a bagatela de quase R\$500.000,00, que foram aplicados na Unidade e no CIRP, para a implantação do acesso remoto. O brilhantismo do trabalho da CAI corrobora porque ainda não está na hora de mudar a Filosofia, mas apenas dar continuidade.

Os recursos extra-orçamentários angariados por iniciativas de nossos docentes e da Direção da Unidade, foram substanciais. Em quase todos os anos, eles foram muito próximos aos recursos destinados à dotação básica, mas no belo ano de 1997, foram 141% superiores e nos primeiros meses deste ano já temos 42% da dotação básica. Nunca faltaram recursos para incentivar iniciativas meritórias e desconheço qualquer docente ou grupo que não tenha recebido apoio por parte desta administração ou por parte dos órgãos da reitoria. O saldo financeiro atual é substancial e o recente projeto de licença de softwares, proposto pela CAI, foi aprovado na totalidade, mas proporcional ao montante anual recebido pela Unidade para a alínea "reposição de equipamentos em informática". Da FAPESP, no período de 1997 a 1999, a Unidade, por mérito e iniciativa única do docente ou grupo de docentes, teve investimentos na ordem de R\$18.000.000,00 (559 projetos) milhões de reais, dos quais quase R\$ 1.700.000,00 foram destinados à reserva técnica. Esta reserva técnica poderia, inclusive ser objeto de maior análise por parte dos Departamentos, dentro de sua liberdade de atuação. A nova Cantina e Centro de Vivência e, talvez a sede da Fundação e o Museu de Ciência e Tecnologia, já estão aprovados e merecerão a devida análise na próxima gestão.

Assim, o pior cego é aquele que não quer ver, diz a máxima. Mas, alguns colocando seus interesses individuais e críticas descabidas em primeiro plano, confundem crescimento ordenado e harmonioso, onde todos os grupos e todos departamentos foram atendidos em todas as suas prioridades, com atendimento privilegiado de interesses de grupos. A Faculdade de Filosofia é única, mas composta de diferentes substâncias. Talvez, esteja aqui a sua grande virtude.

No plano político, a faculdade amadureceu. Hoje alcançamos o reconhecimento e a identidade, fruto de uma trajetória sonhada e planejada pelos nossos ex-diretores, principalmente na gestão do Dr. Lionel. A Faculdade fez galgar o Dr. Terenzi à posição de Pró-Reitor de Pós-Graduação desta grande Universidade. Isto deve-se, sem dúvida, aos méritos e competência do Dr. Terenzi, mas que o prestígio político e produtividade desta Unidade certamente contribuíram.

Colegas, Galileu foi condenado à prisão perpétua. Além disso, deveria declamar, uma vez por semana, durante três anos, os sete salmos da penitência. Foi obrigado, ainda, a ler a fórmula de abjuração em que renegava o sistema copérnico e prometia denunciar ao Santo Ofício, "qualquer herege ou quem quer que seja suspeito de heresia." Galileu tinha uma idéia simples a explicar: mostrar que a Terra era imóvel e movia-se em torno do Sol, numa órbita circular. O que mais machucou Galileu não foi o fato de ter sido condenado à prisão perpétua, mas sim, ter de continuamente renegar as suas próprias idéias. A Faculdade de Filosofia não pode renegar o seu passado e os seus princípios de pureza e elegância acadêmica. Alguém nesta Unidade tentou mostrar que ele é o único que se moveu e ainda se move (para onde?) e os outros são imóveis administrativa e academicamente. Qualquer semelhança com o sistema cosmológico geocêntrico sustentado pela igreja católica daqueles tempos é mera coincidência.

Por favor, deixem-me agradecer. Quero agradecer a todos vocês que me ajudaram a dirigir a Faculdade nestes últimos 4 anos. A presença de vocês foi maravilhosa. Com vocês constituímos uma verdadeira Unidade e Universidade. A Faculdade precisa continuar, continuar e continuar a contar com a colaboração de vocês. Nós fazemos a força.

Quero agradecer ao Dr. John McNamara, presidente da CAI. O John é um profissional brilhante, sério, competente e navega em última geração. Sem o trabalho dele na CAI e de outros de seus membros, ainda estaríamos navegando com 20 anos de atraso.

Agradeço aos meus competentes assistentes: Dona Lúcia Akemi Rodrigues, cuja competência é reconhecida por todos; seu prestígio vai além da esfera desta Unidade. A Dona Lúcia espelha a qualidade e a grandeza de nossa Congregação. Sem ela a academia tropeça.

Agradeço ao Sr. Luiz Aparecido dos Santos, nosso dinâmico administrador. É alguém que acompanha passo a passo a realização das tarefas gerais e de pessoal da Unidade. Graças aos seus esforços a aparência estética e arquitetônica da Unidade está progressivamente se transformando, e sem dúvida, para melhor.

Agradeço ao Sr. Marco César Donate Próspero, Assistente Financeiro do mais alto nível. Trata-se de um profissional imprescindível para a Unidade. É uma das mais destacadas figuras de nossa administração e constitui-se numa das melhores aquisições buscadas na gestão do Prof. Lionel. Sem ele, a Faculdade literalmente pára. Este sim é um profissional que poderá se queixar do baixo salário, (mas não o faz). Qualquer empresa privada se sentiria gratificada e satisfeita em ter em seu quadro um profissional com este brilhantismo.

Quero agradecer à Dona Denise Trujillo Morgon. Sem ela, nós Diretores, não poderíamos cuidar de quase nada. A Faculdade é hoje uma grande empresa, uma grande instituição, e a Dona Denise cuida do fluxo de todas as atividades, com competência, cuidado, zelo, brilhantismo e sempre com um toque de carinho. Ela é pontual, dedicada, é exemplar e a sua memória é a nossa memória. Se alguma vez a Diretoria falhou, acredito que foram várias, isto deve-se muito mais à teimosia do Diretor que vos fala, do que de nossas secretárias e assistentes.

Acho que estou esquecendo de alguém. Deixe-me lembrar. Ah! Da Martinha, nossa querida assistente administrativa. Sem ela minha dedicação à Diretoria seria parcial. Ela tornou-se, de uma modesta guarda-mirim, numa assistente administrativa-pessoal imprescindível. Ao contrário do que muitos pensam, a Martinha não é paga com recursos públicos, mas sim com pagamentos e obrigações trabalhistas cotizadas pelo Dr. Terenzi, Dr. Baffa e por mim. O mais importante, ela participa e ajuda em muitos trabalhos da administração, sem qualquer ônus. Ela substitui uma antiga secretária de Diretoria (tínhamos duas) que foi transferida para um setor mais necessitado da Unidade.

Parabéns a vocês todos e muito obrigado pela ajuda que vocês deram para o progresso acadêmico/científico dessa Unidade, dessa Universidade e deste Brasil que tanto necessita da inteligência e força de vocês.

José Aparecido da Silva
08 de junho de 2000